

# O BRACARENSE

PROPRIETARIO E DIRECTOR POLITICO — M. J. ALVES PASSOS.

RESPONSAVEL — J. B. FERREIRA CARMO.

Publica-se todos os dias em Braga, e tres vezes por semana para fora da cidade.

Assigua-se em Braga, no escriptorio da redacção, rua Nova n.º 3. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte a redacção ou ao proprietario do jornal.  
Correspondencias e publicações d'interesse particular são pagas.

Preço

Annuncios por linha . . . 20 rs.  
Repetição . . . . . 10 rs.  
Folha avulsa . . . . . 20 rs.

Preço  
Por anno . . . . . 48400  
Semestre . . . . . 23300  
Trimestre . . . . . 1200

## BRAGA 26 DE MARÇO.

### Syndicancia.

Muitas vezes temos dito que o actual ministerio representa farças em vez de governar. Os seus delegados seguem o exemplo que vem de cima.

Em Fafe attentou-se contra a vida d'um deputado da opposição, e os delegados do poder foram encontrados com revolvers, ou surpreendidos em flagrante delicto de connivencia com os assassinos.

Que fez o snr. governador civil de Braga? Mandou syndicar por um apaixonado delegado do governo, deu instruções convenientes para que se levantasse muita poeira, e ainda não estava bem concluida a chamada syndicancia quando s. exc.<sup>a</sup> entregava outra vez a administração daquelle concelho ao complice dos attentados de assassinato e pressão eleitoral.

Foi uma farça, e nada mais.

Em Villa Real attentou-se contra a vida dos cidadãos que votavam contra a lista governamental da camara municipal; alterou-se a hora solar para illudir os votantes: deportaram eleitores a pretexto de serviço publico: encurralaram e ameaçaram de morte a muitos que não queriam votar com o governo: dissolveram camaras desaffectas á situação: decretaram as suspeições politicas, como se estivessemos sob o imperio tyrannico da lei dos suspeitos; em fim, commetteram-se todos os escandalos, vexames e despotismos com que as facções costumam supprir a falta de principios e de força moral.

Que fez o governo depois deste drama eleitoral? Ordenou a farça da syndicancia, e escolheu para galan da comedia o snr. Januario Corrêa.

Não seremos nós insuspeitos nesta classificação? Pois falle o *Jornal do Porto* de 22 de Março. Diz assim este collega no seu artigo principal:

« Quatro mezes vão decorridos já hoje, desde que no districto de Villa Real se representou aquella estupenda phantasia

magoria das eleições municipaes com acompanhamento de evoluções militares e tropelias facciosas. — Quatro mezes dizemos, não levando em conta o memorial prologo das suspeições, que são tambem uma parte notavel d'esse drama escandalosamente anachronico, por não dizermos d'essa incrível farçada politica.

Quatro mezes vão decorridos, mas o drama continúa ainda, e continuará, Deus sabe até quando. — Se a moderna arte dramatica se emancipou das 3 unidades aristotêlicas, tambem a farça de Villa Real escusa de lhes estar sujeita. Não lhe exijam portanto a unidade da acção, nem a do logar nem a do tempo. A acção é variada e rica em surprebendentes peripecias; ha mister de largo praso para se desenvolver devidamente, e carece de local mais amplo que o districto, como o testemunharam já os deputados, que representaram a scena do pugilato na propria sala do parlamento. »

Sempre assim o entendemos, e logo no principio emittimos sem reboço esta opinião. A farça começou logo pela fingida doença do snr. Januario Corrêa, que não tinha outro fim senão demorar a solução da questão. Seguiu-se a exigencia do secretario e d'um juriconsulto, especie nova de cyrineus que se prestaram piedosamente a levar ás costas a pesada cruz da gratificação diaria. Por fim os meetings, as musicas e o foguetorio.

E como acabará a farça? Provavelmente será coroado o tio Paulo, que faz o papel de centro, e o snr. Januario Corrêa, que é o galan da farça, casará com a situação. O snr. duque de Loulé, como padrinho generoso, hade felicitar os noivos com bom dote.

Se o desfecho não for este, não hade andar por longe.

Lisboa 20 de Março.

(DO NOSSO CORRESPONDENTE).

Falla-se muito em crise ministerial, e são mui variados os juizos que se formam sobre a

do seu socco. Perdeu o prestigio que lhe legaram as academias passadas, e tenta levantar-se com o uzo de perfumes e dentrificios, com a botinha de verniz e a meia de seda, com a pertinacia de obter o diploma de *dandy*; mas consegue unicamente preparar o caminho por onde passam depois os indigenas d'aquelle grande hotel de sciencia e litteratura.

Comtudo, no meio d'esta turba pretenciosa e hullulante, como no meio das grandes revoluções no universo, apparecem engenhos distinctissimos de que se está enriquecendo o corpo cathedratico.

Valha-nos isto para consolação das mamas que reconhecem no publico o desejo almeiante de aproveitar os titulos perdidos com os frades bernardos, nas fornadas de *ductores* que infestam os territorios do nosso reino.

Voltemos ao correio.  
Alberto ia acompanhado de um seu patricio, natural de Prado, a quem o recommendaram pessoas d'aquelle villa, amigas e parentes de D. Leopoldina.

O quartanista, além de ser um rapaz bem-quisto da academia, tinha mais a particularidade de possuir um pulso mihoto, que fazia honra aos seus compatriotas.

E bem necessario e a a um veterano, no tempo em que os caloiros cabulas e *pon-teijos*, passavam pela provação do grau, o ter bem firmado o conceito na bondade, intelligencia e va-

composição do novo gabinete: mas n'uma situação tão anormal e inconstitucional, como é a actual, não ha juizos, por mais rectos, que possam prever o que acontecerá.

Os leitores do *Bracarense* sabem que tres dos actuaes ministros da corôa votaram na camara dos deputados pelas suspeições politicas, e que o snr. ministro da justiça se negou a votar tão despotico principio, apesar de para isso ser instigado pelo seu collega da fazenda; e sabem tambem que o snr. duque de Loulé se pronunciou d'accordo com a commissão d'inquerito da camara dos pares, contra as suspeições politicas: d'aqui deduz-se evidentemente a incompatibilidade d'aquelles ministros com o presidente do conselho.

O snr. Gaspar Pereira, gravemente comprometido na camara dos pares, onde parece soffrerá um voto de censura pela maneira porque se portou com relação ao despacho do secretario da camara ecclesiastica de Coimbra, tambem não parece poder continuar com a pasta da justiça: e por isso diz-se que o snr. duque de Loulé pedirá a demissão do ministerio todo, mas que sendo encarregado de formar a nova administração se fará acompanhar de dous dos actuaes ministros, o snr. João Christostomo e o snr. general Passos, e que se reforçará com alguns membros da fracção denominada dissidente, entrando novamente no ministerio o snr. conde d'Avila e outros, entre os quaes tambem se cita o snr. José Bernardo Cabral!!!

Já vê, pois, o motivo porque lhe disse que não havia juizo a aventar em tal situação; porque tudo isto é absurdo, e não sei qual maior absurdo e inconstitucional, se a existencia do actual governo com as suas incompatibilidades manifestas presentemente, se a recomposição com caracteres que, ainda ha apenas dois annos, se consideraram tambem incompativeis. Estes absurdos são devidos a não sermos governados pelo systema constitucional, mas por governo pessoal, que Deus sabe aonde nos levará.

O snr. Cazal Ribeiro, n'um succinto preambulo ao notavel discurso que começou ante-hontem a respeito da questão do tabaco, pôz em relevo as doutrinas verdadeiramente constitucionaes, que fazem o credo do partido regenerador, e que o distinguem e separam completamente desses neo-progressistas, por antonomasia *rasgados*.

O snr. Guilhermino de Barros, fallando na questão do tabaco havia dito o seguinte:

« O partido da regeneração para mim, e peço desculpa á camara das minhas observações, é apenas um ramo d'uma grande arvore, é apenas o destacamento d'um grande corpo, é apenas uma seta dissidente d'uma grande igreja, d'uma igreja universal, e essa arvore, esse

lencio estes balseiros, estas flores, o rio, os campos de que te esperem comigo. Elles tem saudades de ti, como eu, e parecem-me tristes com a tua ausencia.

« E quando voltarás tu, meu irmão? Só depois dos exames, d'qui a dez mezes é que tornarei a estar contigo!. Como é precisa a resignação para aligeirar trezentos dias, passados tão longe d'aquelle que vimos a nosso lado a mocidade inteira! Quantos sussobriariam n'uma lucta como esta? Não sei; mas esses que desfallecem no commercio das vicissitudes não podem ter religião, não creem na virtude dos santos com que nos apegamos nas horas afflictivas. Elles consolam-nos com a esperança que nos dão, de intercederem por nós. E eu creio, como tu, meu Alberto, porque sei que te protegem, e te aconselharão na tua vida espinhosa.

« Adeus. Escreve-me logo que possas, e conta-me só as coisas alegres. Guarda as tristas para quando voltares. Servir-nos-hão de recreio, e assim... como serão amargas para ti, que as conta; e para mim, que as tenho de saber!

« Meo irmão. Se era a conformidade que me pedias na tua carta, conseguistelo. Estou conformada com a sorte para que nunca nos preveniramos. Soccorri-me do coração que tem balsamos para tudo. Dá-me a tua imagem por companhia inseparavel no berço dos nossos amores. Tenho-te ao meu lado, sempre, de noite, de dia, e agradeço-o a Deus que me tem sido sumamente bom.

« Soffri muito com a tua partida, julguei que não sobreviveria ao lance; mas não me desampararam as forças, e orei, orei e m'quanta unção me dava a alma, e fui ouvida do Senhor.

« Hoje estou bem mais socgada. As muitas lagrimas que chorei, aliviaram-me do pezo que me opprimia no peito. Respiro já com mais desafogo, e penso, com prazer, na tua vinda. Como que me alegra essa esperança, e, como tu, vou recolher-me com ella, e avisar em si-

« exercito, e essa igreja é no meu entender, o partido historico. Estou persuadido que um dia ha de fechar-se o templo do Jano politico, e que todos entraremos, feita a paz, nestas luctas pacificas e tranquillias, que se chamam luctas constitucionaes. Pelo menos faço votos por isso. « E direi que uma observação me confirma nestes sentimentos: os incensos que inundam aquelle templo, as orações d'aquelles fieis mais de uma vez tem vindo saudar a cabeça visivel da igreja historica. »

O snr. Cazal, pois, antes d'entrar na questão do dia, e do tabaco, com a elevação do seu espirito superior, e com a linguagem inspirada do homem livre, reduzio a fumo essas aspirações dos tanas, que pensam que a moralidade já desapareceu desta terra, e que nós podemos ainda associarmo-nos aos homens das suspeições politicas, das deportações sem processo nem sentença, das incompatibilidades para julgar questões d'honra no parlamento, das concussões, das bur-las e das *môcadus*, mesmo dentro das salas do parlamento!!!

O snr. Cazal Ribeiro, pois, com a urbanidade que o distingue, agradeceu ao snr. Guilhermino de Barros os seus dezejos e as suas aspirações para com o partido regenerador, mas que em nome desse partido não podia aceitar um chefe visivel, um Papa, porque esse partido só reconhecia o poder do Papa nas questões religiosas, nas politicas... não ha Papas.

E por uma figura brilhante fez uma allusão á actual situação, que foi estrondosa e entusiasticamente apoiada pelos deputados da opposição.

« Imaginemos, disse o snr. Cazal, que quatro bispos formando um pequeno consistorio tratavam d'uma questão qualquer religiosa, tres votavam conformes, e o quarto não quiz comprometter o seu voto; levada esta questão ao Summo Pontifice, Sua Santidade reprovava os votos dos tres bispos; n'este caso entende o snr. Cazal, e todos nós os catholicos, que os bispos tinham de se submitter á resolução do Papa. (Era esta sem duvida uma allusão ao voto dos tres ministros nas suspeições politicas na camara dos deputados, e á abstenção do voto do snr. ministro da justiça) Mas em politica?! Em politica resolvem-se as questões pelo raciocinio, pelo interesse do bem publico, e nós os regeneradores não podemos admitir Papas, que sancionem os nossos principios, e por isso não poderemos nunca pertencer a essa igreja de que nos fallou o snr. Guilhermino de Barros, nem submittermo-nos ao chefe visivel da mesma igreja.

Terminado este preambulo, começou o snr. Cazal a tractar da questão, a que os tanas chamam liberdade do tabaco: d'outra vez tractarei dessa questão, e mostrarei que ella não é mais do que... um novo escandalo, para locupletar

lencio estes balseiros, estas flores, o rio, os campos de que te esperem comigo. Elles tem saudades de ti, como eu, e parecem-me tristes com a tua ausencia.

« E quando voltarás tu, meu irmão? Só depois dos exames, d'qui a dez mezes é que tornarei a estar contigo!. Como é precisa a resignação para aligeirar trezentos dias, passados tão longe d'aquelle que vimos a nosso lado a mocidade inteira! Quantos sussobriariam n'uma lucta como esta? Não sei; mas esses que desfallecem no commercio das vicissitudes não podem ter religião, não creem na virtude dos santos com que nos apegamos nas horas afflictivas. Elles consolam-nos com a esperança que nos dão, de intercederem por nós. E eu creio, como tu, meu Alberto, porque sei que te protegem, e te aconselharão na tua vida espinhosa.

« Adeus. Escreve-me logo que possas, e conta-me só as coisas alegres. Guarda as tristas para quando voltares. Servir-nos-hão de recreio, e assim... como serão amargas para ti, que as conta; e para mim, que as tenho de saber!

« Meo irmão. Se era a conformidade que me pedias na tua carta, conseguistelo. Estou conformada com a sorte para que nunca nos preveniramos. Soccorri-me do coração que tem balsamos para tudo. Dá-me a tua imagem por companhia inseparavel no berço dos nossos amores. Tenho-te ao meu lado, sempre, de noite, de dia, e agradeço-o a Deus que me tem sido sumamente bom.

« Soffri muito com a tua partida, julguei que não sobreviveria ao lance; mas não me desampararam as forças, e orei, orei e m'quanta unção me dava a alma, e fui ouvida do Senhor.

« Hoje estou bem mais socgada. As muitas lagrimas que chorei, aliviaram-me do pezo que me opprimia no peito. Respiro já com mais desafogo, e penso, com prazer, na tua vinda. Como que me alegra essa esperança, e, como tu, vou recolher-me com ella, e avisar em si-

« Tuas, Maria da Luz.  
SEGUNDA CARTA D'ALBERTO.  
..... Queres que te não conte as coisas tristes e só falle das alegres. E onde as tenho eu? Sou extranho á sociedade em que vivo!

## FOLHETIM.

### Mau sestro.

(Romance).

VIII.

(Continuado do n.º 793)

Na casa do correio, em Coimbra, agglomeravam-se os estudantes na esperanca d'alguma carta que lhes viesse de suas familias.

Era um dos grandes di ertimentos d'essa epocha, em que só havia correio uma vez por semana.

A *troca*, phrase academica, que ali se fazia, é por certo uma das coisas que chama a saudades o que peregrinou em Coimbra n'este tempo de balinas esburacadas e seguras a palitos, n'esse tempo em que a academia escreveu a mais memoravel das suas paginas, em que era um potente, uma republica poderosa, uma falange aguerrida em committimentos nobilissimos.

Essa epocha acabou. O archeiro d'estes tempos desluzidos assumiu os pederes d'um regedor em tempo de eleições. O estudante verga á tyrannia d'essa sangue-suga do seu dinheiro ou



os actuaes caixas, e talvez que algum amigo intimo á custa do suor do povo, porque o desfalque que impretevelmente vem ao thesouro com a adopção dos systemas, que o governo propo, ha de traduzir-se em imposto ao proprietario, e esse sistema a que chamam de liberdade e a verdadeira monopolio nas mãos dos actuaes caixas do contracto, porque ninguem pode por ora concorrer com elles no fabrico do tabaco.

Liberdade do tabaco...!!!

E contudo não se pode cultivar a nicociana em Portugal!!!

Liberdade do tabaco!!!

E é só permitido fabricar-se o tabaco em Lisboa e Porto á custa d'uma licença despendiosissima!!!

E quem se atrever a fabrical-o em Belem, em Cacilhas, ou nos Olhaes, será punido com o rigor das mais vexatorias multas!!!

Liberdade do tabaco!!!

E ninguem o poderá vender em Portugal sem estar para isso habilitado com uma licença, que custa muito dinheiro!!!

Páro aqui, porque lhe hei de fallar extensamente desta nova liberdade, com que estes liberaes querem mimosear o paiz, para enriquecerem certos amigos, e vexarem o contribuinte com o augmento das contribuições, que será exorbitante.... Prepare-se o povo para isso.

## COMMUNICADO.

### Reforma protestante em Portugal.

Do seculo decimo quinto para o seculo decimo sexto, varios abusos se tinham introduzido nos costumes do povo e do clero christão, e os costumes chegaram a tal ponto de corrupção, que os homens mais virtuosos e mais celebres daquelle tempo, como o cardeal Juliano, o cardeal Pedro d'Ailli, S. Bernardo, Gerson, e outros, pediam com a maior instancia uma prompta reforma da Igreja na Cabeça e nos membros; porque, dizia o cardeal Juliano, estas desordens excitam o solio do povo contra toda a ordem ecclesiastica, e se não as corrigirem, é de recear que os leigos se lancem sobre o clero, á maneira dos husitas, como nos ameaçam altamente. Os corpos percerão com as almas, continúa elle, Deus nos tira a vista de nossos perigos, como costuma fazer aquelles, a quem quer punir; o fogo está accendo diante de nós, e nós corremos para elle.

Os outros doutores da Igreja Catholica fallavam do mesmo modo. Pareciam todos prever os tristes acontecimentos que iam succeder.

Com effeito, no principio do seculo decimo sexto, anno de 1517 e seguintes, apparece Martinho Lutero, e outros, pregando tambem a reforma, porém n'um sentido inteiramente differente dos doutores catholicos. Estes desejavam a reforma dos costumes; aquelles pretendiam reformar os dogmas da fé. E os meios mais ordinarios de que se serviram para atrahir as almas fracas aos seus laços, foram o odio que lhes inspiravam contra os pastores da Igreja. Por este espirito da acrimonia não respiravam mais que á ruptura.

e não me posso familiarisar com ella. A principio tive medo d'estes homens com trajos de padre. Assustavam-me as suas figuras ominosas, allidadas aos juizes atteradores que me deram de suas scenas d'imprudentes e desordeiros. Hoje porém, se esse medo se desvaneceu com a familiaridade exercida por intermedio do meu protector, outro me opprime com mais força: é o de escorregar no caminho reprovado, que muitos seguem, e applaudidos pelos poucos sensatos que praticam com elles. Eu não sei explicar o que isto é, mas inquieta-me que os que obram mal não sejam desperdidos dos que podemos tomar como modellos. Elles, de certo, se callam com o verbo da consciencia, pelo receio de serem mal vistos dos muitos que procedem com injustiça.

« Quem me dera ahí, Maria da Luz! Esse é o meu paraíso de que me expulsaram. A minha felicidade estava no ermo. Ninguem é feliz no tracto de tantos homens, cada um com o seu desejo, a sua ambição, os seus prejuizos, os seus vicios, as suas paixões desenfreadas da educação religiosa. Aqui, demanda-se maior energia para nos creamos um retiro no coração onde nos possamos recolher com o Senhor. Os deveres que nos impõe a sociedade, no meio do bulicio que não podemos evitar, desviam-nos do pensamento das coisas eternas, e doam-lhe um continuado desazoçoço, a que o espirito, muitas vezes sem querer, se habitua, e até a consciencia approva satisfeita de nos dirigirmos a um aperfeiçoamento mundano. Tremo, minha boa amiga, do estado em que me prendem estas intimas considerações. Quem me dera ou-

tra vez nas margens do Cávado! Quando tornarei a ver o sol d'esses ceos? O ceo da minha patria como é bem mais formoso que o d'aquí! As arvores, os campos, as fontes, as aves, tudo tem outra alegria, outra unção, outras cores, outros murmúrios, outros cantos, como se a benção do Senhor fosse ahí mais accepta no coração d'esse povo que a religião fez poeta, e a poesia bemquerida d'extranhos e reiniculas.

Não devemos, pois, admirar-nos, se no tempo de Lutero, em que as invectivas e o odio contra o clero foram levados a ultima extremidade, se viu tambem a mais violenta ruptura, e a maior apostasia que jámais se tinha visto na christandade, como diz o grande Bossuet.

Não obstante as contradicções e a inconsequencia da doutrina de Lutero, o protestantismo estabeleceu-se em grande parte da Alemanha e outras regiões, porque, além do odio que excitaram no povo contra os pastores da Igreja, apresentaram tambem aos magnates os bens do clero; e os frades foram expulsos, os conventos vendidos, os beneficios ecclesiasticos destituídos dos seus rendimentos, e o clero catholico aniquilado.

No anno de 1541, escrevia Lutero contra Henrique VIII, rei de Inglaterra, as injurias as mais atrozes: que era um louco, um insensato, o mais grosseiro de todos os porcos e de todos os jumentos. Começai a vos envergonhar, Henrique, não já rei, mas sacrilego! Mas, quem tal diria! este principe, que dera tam bellas esperanças, e que até merecera o titulo de Defensor da Fé, depois do anno de 1536 trata de estabelecer o protestantismo na Inglaterra! E para oempenhar a nobreza a entrar nos seus designios, vende por conselho de Cromuel aos gentis-homens de cada provincia as terras dos conventos, que supprime! Mas tal foi o preço vil porque foram vendidos, que melhor se pôde dizer que lhes dera, do que lhes vendera!

Não deve, pois, admirar o que se tem visto em Portugal. Conventos extinctos, bens destes vendidos, mas a quem sómente tinha certas habilitações, o clero despojado de todas as suas rendas e prerogativas, e tornado desprezível e odioso a todo o povo!

O que ainda é para admirar, é como o mesmo clero, no seu abatimento e humilhação, se tem conservado firme na creença de nossos antepassados. E' que o povo portuguez é extremamente religioso; e não obstante os assiduos esforços da propagação, não hade ser facil desviar-o da senda do dogma catholico.

Alguns principes da Igreja já elevaram a sua voz contra a propagação protestante; porém não dão a entender que, ou não querem ver aonde ella está, ou o seu grito é como o da Dalila a Sansão:—*Philistinum super te, Sanson.*

Sejamos sinceros. Elles fazem parte da camara alta. Quem podia obrigar-os a approvar leis que sómente servem de humilhar e desprestigiar o clero, e de o tornar cada vez mais odioso? A lei de congruas, a lei de recenseamento, a lei de recrutamento, a lei eleitoral são outros tantos epigrammas, outros tantos golpes descarregados, sobre o clero.

Sabe-se, por toda a parte, que a maior parte dos freguezes são inimigos dos parochos, sómente pelo motivo de lhes pagarem; tambem esta lei não foi feita para outro fim; e conhece-se perfeitamente que nas igrejas aonde não ha derrama pelos parochianos, estes vivem em perfeita harmonia com os parochos.

A' vista disto, continuai, irmãos meus, a intitular-vos — reitores, abbades, ou, se ainda não ficades contentes com estes titulos, intitulai-vos

tra vez nas margens do Cávado! Quando tornarei a ver o sol d'esses ceos? O ceo da minha patria como é bem mais formoso que o d'aquí! As arvores, os campos, as fontes, as aves, tudo tem outra alegria, outra unção, outras cores, outros murmúrios, outros cantos, como se a benção do Senhor fosse ahí mais accepta no coração d'esse povo que a religião fez poeta, e a poesia bemquerida d'extranhos e reiniculas.

« Parece-me estar n'um paiz estrangeiro. A vejetação, quão differente é ella do nosso formoso berço! As vides que se guindam ás crutas das arvores e descem até á raiz em floridas tranças como á portia em tocar os seus esteios, são rasteiras por estes sitios, e o terreno em que algumas fructearam, já simula uns como cemiterios barrentos com as ossadas dispersas, hirtas, negras. Os nossos castanheiros, tão formosos, que ladeiam todos os campos, e a que o lavrador se abriga dos raios do sol, e tão boa sombra derramam nos caminhos, não se naturalisaram no Douro. Substituem-nos os pinheiros e as oliveiras com o seu aspecto sombrio e de noite atterrador. Os pinhaes que atravessai na estrada, penhaes com legoas d'estensão, infundiam-me um terror como o das crianças quando passam ás escuras em sitios deshabitados.

« Moro no Couraça de Lisboa. Da janella do meu quarto vejo lá embaixo o Mondego, que é o rio dos poetas, como lhe chamam, mas não é o rio dos amores como é o nosso Cávado.

« Tenho passeado os arrabaldes, que, na realidade, são bonitos, mas bonitos de tristeza,

ainda — archi-abbades, archi-reitores, ou o que mais vos agradar; porque com dinheiro tendes todos os titulos e denominações que quizerdes; denominai-vos Archontes, que talvez vos sôe melhor.

Os principes da Igreja, em lugar de estarem rodeados de anciãos virtuosos e veneraveis por seu saber e virtudes, estão rodeados de homens que especulam a bolsa do infeliz e abatido clero!

As outras leis, a de recenseamento, a eleitoral, e a de recrutamento fazem dos parochos uns garotos de todas as auctoridades!

E é bem notavel não haver castigo para o incestuoso, para o adúltero, para o amancebado, para o jogador de profissão; porém se um parochos falta ao recenseamento, ao recrutamento, ou á eleição, embora o reclame na freguezia o bem espirital de seus freguezes, vai logo senar-se no escabello do ladrão e do assassino!!!...

Eis-aqui, principes da Igreja, as leis que vós approvades, enquanto descurades outros assumptos importantes. Se ajudades a cortar a coma aos vossos subordinados, não conteis com as suas forças.

Cessae, pois, de chamar ás armas aquelles a quem dellas tendes despojado, privando-os da sua estimação, do seu prestigio e da sua dignidade, pelas leis que tendes approvado, ou em cuja approvação tendes sido conniventes.

Olhae com attenção para esses livros de propaganda; não os pegaes aos parochos, que ou não os tem, ou não os podem ter sem dinheiro; refutae-os, ou mandae-os refutar por theologos habéis e conscienciosos; olhae para esses escriptos que gratuitamente e com fins sinistros se diffundem pelas aulas de ensino primario, e em que debaixo das apparencias de uma locução brilhante, debaixo das sombras de uma lenda, de uma superstição ou de uma creença popular, de um conto, de um pequanino romance emfim, de que os meninos jámais se esquecem, e que lêem com a maior attenção e avidéz, se pinta o clero, e sempre o clero, com os traços das mais horrendas e negras côres.

(Particularisemos.) Lá se desenha um archiepiscopo de Santiago de Compostella como traidor ao seu legitimo soberano; como roubador e estuprador de donzellas; como envenenador; como clausurador em carcere privado, e como assassino; servindo se para tudo isto de padres seus confidentes; prometendo, a uns, mitras, a outros, canonicatos; em recompensa de taes serviços; não escapando a este quadro o mesmo Vigario de Christol!!!

Não negamos, antes com bastante pesar o confessamos, que alguns de nossos irmãos sacerdotess se tem desviado do bom caminho; até um dos pastores da Igreja já disse:— que por testemunhos insuspeitos chegara ao seu conhecimento a relaxação dos costumes de alguns ecclesiasticos da sua diocese —; e em lugar de os chamar, logo que por testemunhos insuspeitos o sabia, e reprehendel-os, ou castigal-os na forma prescripta no Evangelho, denuncia-os *urbi et orbi*, estampando por este modo nas faces de todo o clero da sua dio-

ao contrario dos nossos que são bonitos d'alegria.

« Tudo isto, Maria da Luz, é bem differente do nosso ermo. Como eu estou triste, agora que a memoria m'o reproduziu! Quando verei as aves que nos esperavam no jardim para lhe dar-mos de comer?

« Adeus minha irmã. Até agosto, até d'aquí a nove mezes... Teu, Alberto.

### SEGUNDA CARTA DE MARIA DA LUZ.

« ..... Eu pedia-te coragem, Alberto, e já vejo que a não tens. Que te disse eu, meu irmão? Que me fallasses só das coisas alegres e não me contasses as tristas. Compreendeste-me, por certo, mas dominou-te a impressão. Não te forraste á sua influencia, e franco como serás sempre para mim, entregaste ao papel a impressões de tua alma. Animo, meu bom amigo! Recordas as lições que nos deram as Escrituras, e recobrarás, n'esse instante de concentração, os alentos perdidos no trafico das conficções. Que vale a doutrina dos homens no homem que praticar a doutrina do Evangelho? Se te escarnecerem, se te illudirem, se te desprezarem, que és tu a par do Enviado de Deus para que não soffras com resignação os supplicios da vida? E que pezo podem ter essas affrontas na consciencia tranquilla do justo? Se vês um grande numero aportar o seu fim por meios reprovaes, ou são igno antes e dignos de compaixão, ou indifferentes e merecedores de conselho. Que horas não terão de arrependimento, e que desejos então de voltarem á infancia como em

cese um stygma de relaxação e de immoralidade.

Apesar de tudo isto, e do mais que se diz e se inventa, o clero desta diocese ainda se sente com forças para resistir aos ataques da propaganda protestante, se nisso fôr coadjuvado por seus superiores.

Principes da Igreja! de envolta com a desconsideração do vosso clero vem a vossa; e de envolta com uma sepultar-se-ha a outra.

Um parochos do arcebispado primaz.

### Ministerio da Marinha.

A secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar foi creada entre nós, por alvara de 28 de Julho de 1736.

Por carta de lei de 8 de Novembro de 1821, dividiram-se por todas as secretarias d'estado os negocios e dependencias do ultramar.

Mandou-se de novo reverter á secretaria da marinha, por carta de lei de 3 d'Outubro de 1823, o expediente dos negocios ultramarinos.

Por decreto de 8 de Junho de 1834, tornaram-se a dividir por todas as secretarias d'estado os negocios do ultramar.

Em carta de lei de 25 d'Abril de 1835, mandou-se que os negocios ultramarinos fossem tractados n'uma repartição especial, com o nome de secretaria d'estado dos negocios do ultramar, annexa a qualquer das outras repartições do estado.

Por decreto de 2 de Maio de 1835, mandou-se que o expediente dos negocios do ultramar passasse a ser privativo do ministerio da marinha, da mesma forma que se achava estabelecido antes do decreto de 28 de Junho de 1834.

Em decreto de 7 de Dezembro de 1841, estabeleceu-se o quadro do pessoal da secretaria da marinha e ultramar. Em decreto de 30 de Julho de 1849, deu-se nova reorganisação ao quadro d'estes empregados.

Em regulamento approved em decreto de 13 de Fevereiro de 1843, foi dividida esta secretaria d'estado em duas grandes secções: secção da marinha, com 3 repartições; e secção do ultramar, com 4 repartições.

São os seguintes os ministros d'esta repartição entre nós, desde a sua fundação até hoje:

Antonio Guedes Pereira, em 1737.  
Diogo de Mendonça Corte Real em 9 de julho de 1750.  
D. Luiz da Cunha (interino), em 7 de setembro de 1756.  
Thomé Joaquim do Couto Corte Real, em 5 de novembro de 1756.  
Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 20 de maio de 1760.  
Martinho de Mello e Castro, em 12 de julho de 1770.

procura do fio queimado, á entrada do mundo, no fogo das paixões? Mas de nada lhes serve o remorso e são estereis as dores. São infelizes, Alberto, de que deves compadecer-te, e nunca recear.

« O inverno já começou com as suas tempestades a açoiar as ultimas folhas das arvores. Estão de lucto estes nossos jardins. Quem m'os dera vestidos de galla! Assim fazem-me mais triste e eu tanto procuro a alegria para a dividir com o meu irmão! Adeus. Tua do coração, Maria da Luz.»

Fizeram um grande bem no animo d'Alberto as reflexões da sua amiga. Os conselhos d'um anjo tambem não podiam entibiar um coração bem formado.

O veterano do moço estudante occupava-se mais com o *direito civil*, unica aula para que estudava, do que no guiamto do caloiro por caminhos, que, na sua opinião, não trilhariam actualmente os apóstolos. Não acreditava que qualquer dos escolhidos do divino Embaixador, vivendo hoje no caso de ter fome, se desse ao mantimento d'espigas de milho por terras extranhas quando na sua patria, com a eloquencia comesinha para o seu magisterio, estava deputado, em pouco tempo, a ganhar quatro pintos por dia para *omolletes soufflés*, ou *vols-avent* da culinaria do Malta.

Alberto via-se só, sem os seus amigos d'infancia; e a luz que lhe luzia das terras do norte, reflectida na carta conselheira e amiga, animou-o á espinhosa peregrinação, para que o animo lhe descoroçoava.

(Continua.) PEREIRA LOBATO.



Luiz Pinto de Sousa Coutinho (interino), em 9 de setembro de 1795.  
 D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em 8 de agosto de 1796.  
 Visconde d'Anadia, em 16 de junho de 1801.  
 Conde das Galveas, no Rio de Janeiro, em 13 de janeiro de 1810.  
 Conde de Borba, no Rio de Janeiro, em 26 de fevereiro de 1816.  
 Joaquim José Monteiro Torres, no Rio de Janeiro, em 17 de março de 1821.  
 D. Miguel Pereira Forjaz, em Lisboa desde a restauração de Portugal, em 15 de setembro de 1808, até 15 de setembro de 1820.  
 Barão de Moteles, em 18 de setembro de 1820.  
 Mathias José Dias Azevedo, em 4 de outubro de 1820.  
 Francisco Alexandrino de Sousa, em 1 de fevereiro de 1821.  
 Joaquim José Monteiro Torres, em 6 de julho de 1821.  
 Ignacio da Costa Quintella, em 31 de janeiro de 1822.  
 Candido José Xavier, em 19 de junho de 1822.  
 Ignacio da Costa Quintella, em 29 de agosto de 1822.  
 José da Silva Carvalho, em 20 de maio de 1823.  
 D. João Manoel de Locio, em 30 de maio de 1823.  
 Conde de Subserra, em 2 de junho de 1823.  
 Joaquim José Monteiro Torres, em 14 de janeiro de 1825.  
 Ignacio da Costa Quintella, em 4 de agosto de 1826.  
 Antonio Manoel de Noronha, em 9 de dezembro de 1826.  
 Visconde de Santarem (interino), em 14 de agosto de 1827.  
 Carlos Honorio de Gouveia Durão, em 11 de setembro de 1827.  
 José Freire d'Andrade, em 10 de janeiro de 1828.  
 Carlos Honorio de Gouveia Durão, em 21 de janeiro de 1828.  
 José Antonio d'Oliveira Leite de Barros, em 26 de fevereiro de 1828.  
 Duque de Cadaval, em 2 de maio de 1830.  
 Conde de Basto, em 2 de julho de 1831.  
 Agostinho José Freire, em 30 de julho de 1833.  
 Francisco Simões Margiochi, em 15 de outubro de 1833.  
 José da Silva Carvalho, em 26 de julho de 1834.  
 Francisco Simões Margiochi, em 4 de agosto de 1834.  
 Agostinho José Freire, em 24 de setembro de 1834.  
 Conde de Villa Real, em 18 de fevereiro de 1835.  
 Conde de Linhares, em 28 d'abril de 1835.  
 Marquez de Loulé, em 27 de maio de 1835.  
 Antonio Aluizio Jervis d'Atouguia, em 26 de julho de 1835.  
 Visconde de Sá da Bandeira, em 18 de novembro de 1835.  
 Manoel Gonçalves de Miranda, em abril de 1835.  
 Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa (não accetou), 19 de setembro de 1836.  
 Conde de Lumiarés (interino), em 10 de setembro de 1836.  
 Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, em 6 de novembro de 1836.  
 Visconde de Sá da Bandeira, em 27 de maio de 1837.  
 Visconde de Bobeda (interino), em 1 de junho de 1837.  
 João de Oliveira (interino), em 25 de outubro de 1837.  
 Barão de Bomfim, em 9 de novembro de 1837.  
 Visconde de Sá da Bandeira, em 9 de março de 1838.  
 Barão da Ribeira de Sabrosa (interino), em 18 de abril de 1839.  
 Francisco de Paula Aguiar Ottoline, em 25 de setembro de 1839.  
 Conde de Villa Real, em 26 de novembro de 1839.  
 Conde de Bomfim (interino), em 28 de dezembro de 1839.  
 Manoel Gonçalves de Miranda, em 12 de março de 1841.  
 Conde de Bomfim (interino), em 1.º de abril de 1841.  
 José Ferreira Pestana, em 9 de junho de 1841.  
 Antonio Aluizio Jervis d'Atouguia, em 7 de fevereiro de 1842.  
 José Jorge Loureiro, em 9 de fevereiro de 1842.  
 Antonio José Maria Campelo (interino), em 24 de fevereiro de 1842.  
 Barão do Tojal (interino), em 5 de setembro de 1842.  
 Joaquim José Falcão (interino), em 14 de setembro de 1842.  
 Dito, nomeado effectivo, em 3 de maio de 1843.  
 Duque da Terceira (interino), em 29 de maio de 1846.  
 Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, em 23 de maio de 1846.  
 José Jorge Loureiro, em 26 de maio de 1846.

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, em 19 de julho de 1846.  
 D. Manoel de Portugal e Castro, em 6 de outubro de 1846.  
 Conde do Tojal (interino), em 28 de abril de 1847.  
 João de Fontes Pereira de Mello, em 22 de agosto de 1847.  
 Agostinho Albano da Silveira Pinto, em 18 de dezembro de 1847.  
 Barão de Villa Nova do Ourem, em 29 de março de 1848.  
 José Joaquim Gomes de Castro (interino), em 10 de julho de 1848.  
 Barão de Villa Nova de Ourem (interino), em 3 de maio de 1849.  
 Visconde de Castellões, em 18 de junho de 1849.  
 Barão de Francos (interino), em 01.º de maio de 1851.  
 Barão de Nossa Senhora da Luz (interino), em 17 de maio de 1851.  
 Marquez de Loulé, em 22 de maio de 1851.  
 Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, em 7 de junho de 1851.  
 Antonio Aluizio Jervis d'Atouguia, em 4 de março de 1852.  
 Visconde de Sá da Bandeira, em 6 de junho de 1856.  
 Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, em 14 de março de 1859, falleceu em 15 de março de 1860, em consequencia de um ataque que lhe deu na camara dos deputados.  
 Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, nomeado interinamente em 12 de março de 1860.  
 João Marcellino de Sá Vargas, decreto de 1 de maio de 1860.  
 Carlos Bento da Silva, decreto de 4 de julho de 1860.  
 José da Silva Mendes Leal, decreto de 21 de fevereiro de 1862.

**INTERIOR.**

Ultimas noticias.

O sr. ministro d'obras publicas disse na sessão de 22, que o caminho de ferro do norte, não se franquearia ao publico antes da conclusão de todas as obras. S. ex.ª mostrou-se inclinado para a directriz do caminho de ferro do Porto a Braga.

O brigue dinamarquez apressado pela marinha austriaca, defronte das nossas costas, sahio do Tejo no dia 22 com tripulação austriaca.

Abriu-se em Lisboa a subscrição para o Banco Ultramarino, fundado pelo sr. Chamiço. A 1.ª emissão será de 4 mil contos.

**EXTERIOR.**

Ultimas noticias.

Correram boatos de nova conspiração contra o imperador, mas são destituídos de fundamento.

As eleições dos dous circulos vagos em Paris deram o resultado que se previa. Carnot e Garnier Pagés, foram eleitos sem opposição do governo.

Continuam os armamentos no Veneto, e o imperador d'Austria devia passar revista no dia 24 a um numeroso corpo de tropa, na cidade de Verona.

Garibaldi embarcou, segundo um despacho telegraphico do dia 23, n'um vapor inglez que sahira de Inglaterra para Valleta na ilha de Malta. Nada se sabe da direcção do caudillo revolucionario: dizem uns que a viagem tem por fim melhorar de saude, mas outros asseguram que o fim é a questão italiana.

A Dinamarca accetou a conferencia sem armistício, sobre as bases das negociações de 1831 e 1852, com a condição do Schleswig não ser aggregado ao Holstein. Esta noticia voga como indubitavel.

E' daviioso se a Alemanha accetará estas condições.

Assegura-se que o gabinete de Stockolmo mandará activar os avenamentos na Suecia. Acrescenta-se que este passo fóra motivado por uma nota confidencial do representante da corte de Stockolmo em S. Petersburgo.

Diz-se que n'um combate, na ilha de Rugen, os navios prussianos abandonaram o combate apenas viram que os dinamarquezes eram reforçados.

Duas corvetas chegaram com muita difficuldade ao porto de Swin mande. As chalupas refugiaram-se em Rugen.

A esquadra dinamarqueza dirigiu-se para Mon.

Os boatos de morto do duque d'Augustemburgo, pertencente á soberania dos ducados de Schleswig e Holstein, não tem fundamento algum. Toda a imprensa estrangeira os desmente.

Noticias de Roma dão o Summo Pontifice de novo adoentado, ainda que sem motivo de cuidado. Suppunha-se que não poderia celebrar no domingo de ramos.

O archiduque Maximiliano e sua esposa haviam chegado á sua residencia de Miramaro.

O ministro Arranjoiz, d'este novo imperador do Mexico, occupava-se em Londres d'um empréstimo de 500 milhões de francos, emittindo-se 72 milhões com juro de 6 por cento.

As noticias da America, trazidas pelo correio d'Havana, alcançam até 19 de Fevereiro.

A goleta de guerra «Africa», de cruzeiro em frente da costa de S. Domingos, apresou 2 barcos de sal e viveres, com destino aos rebeldes.

Desde a sahida do ultimo correio para a peninsula, não houve nenhuma acção importante.

O general Sanct'Anna estava em Seibó, reinando em todo o districto completa tranquillidade, como nas ilhas de Cuba e Porto-Rico.

A Samaná chegou o batalhão de caçadores de Cadix; e á ilha de Cuba 150 feridos e doentes, transportados de S. Domingos no vapor «Leon».

As noticias do Mexico alcançam até 15 de Fevereiro, e as de Vera-Cruz até 20, e nada dão d'importante.

As tropas franco-mexicanas continuavam a ganhar terreno todos os dias. As guerrilhas de Juarez acabaram de soffrer grandes perdas. No entanto, Zacata ainda não tinha sido atacada.

**SECÇÃO NOTICIOSA.**

**De nada valeu.** — Protestou o administrador de Cabeceiras contra a eleição do sr. Alves Passos á Junta Geral do districto, pelo ridiculo fundamento de não conhecer elle administrador a camara e conselho municipal de Vieira, cuja identidade era reconhecida pelo escrivão da camara, vereadores e presidente. O conselho de districto despresou este louco protesto, e a eleição do nosso amigo politico foi confirmada.

Estiveram presentes 22 votantes, um delles não quiz votar, e 21 foram unanimes na eleição do sr. Alves Passos. Foi uma demonstração de amor e veneração pela paternal administração do sr. Juario Corrêa, que manda insultar no seu jornal os que não querem crer no brilhantismo historico da sua administração.

**Condecoração.** — Um cavalheiro mui distincto, desta cidade, que tem passado a sua vida occupado sempre em fazer bem aos pobres, e a quem a meza da Santa Casa tem, quasi sem interrupção, confiado a direcção do seu hospital de S. Marcos, diz muito judiciosamente, que não ha commendas nem condecorações tão valiosas como a satisfação que resulto ao homem de exercer as obras de caridade. Neste sentido, valiosa é a commenda que consta do documento que se segue:

«Guimarães 24 de Fevereiro de 1864.  
 «Illm.º sr. Manoel Joaquim Alves Passos. Foi presente á Meza da Santa Casa da Misericordia desta cidade, que v. s.ª se offerceu a fazer, como fez com a habilidade que todos lhe reconhecem, uma delicada operação em um enfermo do hospital da dita Santa Casa da Misericordia, para lhe restabelecer o canal da uretra, obstruido por apertos e com fistulas desde muitos annos, e isto gratuitamente; e a mesma Meza me encarrega de muito agradecer a v. s.ª este acto de caridade e philantropia. Por esta occasião reitéro os protestos de particular estima e consideração com que sou etc.»

O Provedor, João de Castro Guimarães. Estamos authorisados a declarar á Meza da Misericordia de Guimarães, que o sr. Alves Passos presa esta carta mais, do que um baronato.

**Assalto.** — A casa do finado Bento Manoel Michado de Mendonça, em Amiosa de Valladares, comarca de Monção, foi assaltada por uma numerosa quadrilha na noite de 19 do corrente. Felizmente não lograram bom resultado os saltadores. Sendo presentidos, accudiu o povo das freguezias proximas e houve um tiroteio entre elle e a quadrilha.

E' o progresso em toda a amplitude.

**Reunião familiar.** — No dia 30 á noite ha de haver uma reunião familiar na assembleia bracarense. Tem-se feito os convites do estylo.

**Semana Sancta.** — Tiveram lugar as ceremonias da semana sancta, na forma do costume, com grande solemnidade e concurrencia.

**Decima.** — No dia 5 do proximo Abril finda o prazo para o pagamento da decima de juros e contribuição predial do anno de 1862: quem até o referido dia não entrar com as suas cotas na recebeloria deste concelho, pagará mais 3 por cento de multa para a fazenda publica.

**Posse.** — O sr. dr. José de Faria Moraes Carvalho, juiz de direito desta comarca, para onde viera de Val-Passos, tomou posse ha dias da sua nova vara.

**Do jornalismo.** — Com a epigrapho — «A mulher é o charuto» — tem andado de jornal em jornal, dois trechos d'um romance hespanhol, que nós esperavamos, ha muito, ver acemente rebatidos, por assim o pedirem a nenhuma justiça e a menos delicadeza com que tratam a mulher.

Ha mais de quinze dias que a noticia corre, e ninguem ainda levantou a voz em defesa do bello sexo. Sejamos nós os primeiros, com os poucos cabeleas que possuimos, a tentar a lucta, e auxiliem-nos os mais aptos.

Primeiro trecho: diz um personagem do romance:

« Não ha mulher que valha um charuto: este accende-se, queim-se, reduz-se a cinza, e não serve para outro».

Não é assim. A comparação é ridicula e desasada. Só para o sensualista é que a mulher póde ser assim; mas porque assim a julga, não porque ella na realidade o seja. A mulher depois do se dar ao primeiro homem, apura e fortalece o sentimento, como veremos na refutação do trecho seguinte.

Continúa o romancista na voz d'outro personagem:

« O primeiro amor da mulher queima-lhe o coração e reduz-lho a cinza. Quando acabamos de fumar um charuto, atiramos para longe um resto infecto, mastigado, espremido. Quando um homem atira pela janella o coração de uma mulher, esse coração cae na rua como o resto do charuto: infecto, mastigado, espremido. Se alguém apanha a ponta do charuto, e quer novamente accendê-lo, é necessario applicar-lhe fogo continuamente... o fumo que sae é forte, e de mau gosto...»

Está um pouco confusa esta parte; mas explicando-nos bem talvez se entenda.

Ama, ou não ama a mulher mais que uma vez? Se não ama, está fóra da questão. Se ama, como é necessario applicar-lhe fogo continuamente para novamente accendê-la; isto é: para ella tornar a amar?

O amor é um sentimento espontaneo, e não obrigado. Essa inclinação a um homem, assim estimulada, é gratidão, ou paixão, mas não amor.

O fumo da gratidão, ou da paixão, é que póde ter ressbios do fel que o desprezo lhe couo no coração; mas o amor, se voltar, não o póde ter.

Se o romancista se refere a um desses sentimentos, estamos d'harmonia; mas se não se refere, a comparação é ridicula, como dissemos, e extremamente desasada.

Os bons fructos d'uma arvore, não são os que produz na primeira fructeação. São os segundos, e melhores os terceiros, e melhores os ultimos. O amor é um fructo do coração, e o ultimo deve ser o melhor.

A mulher, depois do seu primeiro amor, é uma alma que principia a purificar-se; o seu coração é uma urna de flores de que o primeiro amor lhe extrahi algumas, cujo aroma embriaga, e deixou a maioria das que tem suavidade no aroma. O delirio, a vertigem, a loucura não suprehendem com facilidade, o coração que amou uma vez. Essas flores é que lhe queima quasi todas o desprezo, e as outras principiam então a exhalar mais livremente o seu aroma suave.

Inlira-se, portanto, de tudo isto, que a mulher quantas mais vezes amar, mais anjo é, e mulher consoladora dos nossos dias; e fique-se prevenido de que aquelle que menos presar o amor da mulher, cujo coração deitaram á rua, ou porque, por mal avisado, entente ter de dar-se ao officio de abandonador é com poucos proveitos, ou porque lhe repugna um coração usado, ou porque lhe enjam as rugas que o tempo gravou nas faces da mulher, é que é, sem duvida, a ponta de charuto lançado á rua, e só digno do amor dos que a apanham á mingua de melhor tabaco.



Aguardente. — Os srs Simão Duarte d'Oliveira e José Duarte d'Oliveira & C. acabam de receber no Porto, pelo navio «Príncipe Humberto» procedente d'Hispanha, 498 pipas d'aguardente de vinho.

Estadística interessante. — (Do Com. do Porto): Entre os dados interessantes extrahidos do relatório official sobre o ultimo recenseamento da Inglaterra e do paiz de Galles, apparece a estatística numerica dos inglezes residentes no estrangeiro.

Contam-se 25:844 inglezes estabelecidos em França. No resto da Europa ha 32:500, a saber: 7:365 na Allemana, 5:467 na Italia (comprehendendo Roma), 4:092 na Belgica, 3:879 na Hespanha, 3:749 na Russia, 2:260 na Turquia e 2:072 em Portugal.

O Egypto tem 731 e o resto da Africa 340 residentes inglezes.

Na America do Sul, os dous paizes em que os subditos britannicos são em maior numero, são o Chili e o Brazil que dão respectivamente asylo a 4:152 e 2:838 inglezes.

Porém nos Estados Unidos é onde se acha a maior colonia da população ingleza dos tres reinos.

O recenseamento effectuado n'aquelle paiz em 1860 dava alli residentes 2.200:000 subditos de S. M. Britannica sendo 477:455 inglezes, 108:518 escossezes, 1.611:304 irlandezes e 249:970 canadianos.

A vida em Lisboa. — Diz a «Revolução do Setembro»:

- A's 8 horas deitam-se os ignorantes, os mandriões e os recém-casados.
A's 9 os maridos bem comportados e as donzellas que esperam o derricho á 1 hora.
A's 10 deitam-se os mercieiros ricos e bem providos de massas adiposas.
A's 11 os homens honestos.
A' meia-noite os rapazes bem comportados e as mulheres perdidas.
A' 1 hora os homens publicos.
A's 2 os noticiaristas.
A's 3 os vadios.
A's 4 os jogadores.
A's 5 os namorados que conversam da rua para os primeiros andares.

Tempestade conjugal. — (Do mesmo jornal). — Uma esposa desconfiada do marido que se recolhe tarde:

- Boas noites, Gertrudes (Sereno).
— Donde vem o senhor a estas horas? (Cerração.)
— Minha filha, venho de casa de um amigo que está doente (Calma.)
— De veras, eim?... (Nublado.)
— Mulher, perguntas por tal modo... (Choviscos.)
— Com o modo de quem te aborrece, maldito! (Relampago.)
— Que tens tu, desalmada? (Ameças de tempestade.)
— Infame, sei tudo. (Trovão.)
— Que sabes tu? (Furacão.)
— Que o senhor me esqueceu por outra indignamente. (Borrasca.)
— Quem ousou calumniar-me? (Destroços da borrasca.)
— Calumnias não são. Vou divorciar-me. (Raio.)
— Quando quizer, senhora. (Temporal secco.)
— Entregue-me o senhor o dote, e tenha saúde. (Terramoto.)

- Como então depois dos meus protestos, dos meus juramentos sagrados, inda duvidas de mim? (Muda o vento.)
— Tu já me não queres, ingrato. (Chuva.)
— Menina, não te deixes guiar por infames invejosos da nossa felicidade. (Abranda o temporal.)
— Mas que interesse terão em affigir-me sem motivo? (Refresca o vento.)
— Eramos tão felizes ha poucos mezes! (Cessa o vento.)
— Ai, sim, que ditosos eramos. (Apparece o arco iris.)
— Eu não visitava os meus amigos. Tu não recrias as tuas conhecidas, e sobretudo essa infernal D. Mathilde, tão... galhofeira... tão sym... antipathica... (Ultima nuvem.)
— Enganador. Como sabes donde vem o mal. Velhaquete! (Brisa fresca.)
— Queres fazer um contrato comigo, pomba? (Horizonte limpo.)
— Vejamos. Falla. (Sol radiante.)
— Não recebas mais Mathilde e prometto-te por teus olhos divinos que oito dias não saio de casa. (Bom tempo, fixo)

Doide divertido. — (Idem). — Esta manhã andava na praça de D. Pedro um homem maltrapilho, fazendo grande algazarra cercado de

muíto rapazio que o festejava com gargalhadas. Entre outros disparates dizia o desgracado:
— Que querem as solteiras? Casar.
— Que querem as casadas? Emtoivar.
— Que querem as viúvas? Namorar.
— Que quer o governo? Roubar.
— Que quer a gente? Rir. Ah! Ah! Ah!

E soltava estridulas gargalhadas que eram afinadas em côro pela matula que o rodeava. Vimol-o depois acompanhado por dois municipaes. Não sabemos se o levaram prezo.

Preços dos generos alimenticios

Braga. Milho branco 520, amarelo 500, alvo 600, centeio 480, feijão vermelho 800, branco 740, amarelo 720, rajado 640, fradinho 480, batatas 280, castanhas 320, azeite (almude) 5200.

Guimaraes. Trigo galego 520 a 950 milho branco 620 dito amarelo 610, farinha 650, fajão rajado 720 dito fradinho 540, dito amarelo 800, dito vermelho 960, dito branco 860, batatas 320, cevada 720, azeite (almude) 5200, vinho 12100, milho alvo (alqueire) 740 paçoço 500.

Momenta da Beira. Trigo tremez 760, dito galego 740, milho grosso amarelo 470, dito branco 470, centeio 490, cevada 300, feijão branco 700, dito rajado 670, batata, 300, azeite 62000, vinho 12900.

Pinhel. Trigo tremez 580, dito galego 520, milho grosso amarelo 400, dito branco, 400, miúdo 360, paçoço, 320 centeio 380, cevada 300, feijão branco 640, dito amarelo 620, vermelho 620, dito rajado 700, chicharo 500, batata 140, azeite 32840, vinho 800.

Fraguas. Trigo tremez 650, dito galego 660, milho grosso amarelo 470, dito branco 660, miúdo 360, paçoço 340, centeio 470, cevada 420, feijão branco 680, dito amarelo 660, dito vermelho 660 rajado 650, chicharo 430, batata 280, azeite 52500, vinho 12830.

Aveiro. Trigo galego 680, milho da terra 480, dito de fora 400 cevada 320, azeite 32600. O sal regula no mercado a 32500 o moio de raza.

Monsão. Trigo 12000, milho 440, feijão 960, batatas 360, vinho 12280, azeite 42900.

Arcos de Val de Vez. Trigo 900, milho 560, centeio 400, feijão 680, batatas 260 vinho 22200, azeite 42800.

Celorico. Trigo tremez 690, dito galego 660, milho grosso amarelo 420, dito branco 400, miúdo 400, paçoço 360, centeio 480 cevada 240, feijão branco 590, dito amarelo 600, dito vermelho 600, dito rajado 530, chicharo 360, batata 240, azeite 42000, vinho 12800

Lamego. Trigo tremez 840, dito galego 600, milho grosso amarelo 420, dito grosso branco 520, centeio 400, cevada 300, feijão branco 650 dito rajado 850, batata 360, azeite 52000, vinho 12500.

Mangualde. Trigo tremez 650, dito galego 600, milho grosso amarelo 420, centeio 400, cevada 300, feijão branco 560, dito amarelo 500, chicharo 420, batata 360, azeite 52000, vinho 12050.

Guarda. Trigo tremez, 770, dito galego 540 milho grosso amarelo 400, dito branco 480, miúdo 300 paçoço 300, centeio 420, cevada 240, feijão branco 540, dito amarelo 600, dito rajado 400, chicharo 400, batata 200, azeite 4800, vinho 2000.

Caminha. Trigo (alqueire) 12100, milho 650, centeio 700, feijão branco 12200, dito vermelho 900, dito mistura 900, batata 260, castanha 500, carne de vacca (kilogramma) 16), dita de porco 120, manteiga 300, azeite (almude) 52200, vinho almude 12900.

Vianna. Trigo 950, milho 520, centeio 480, feijão branco, 800, dito vermelho 720, dito mistura 700, batata 480, castanha 430, carne de vacca (kilogramma) 220, dito de porco 240, manteiga 320, pão de trigo 100, azeite (almude) 42600, vinho 22000, ovos 4 por 20 reis.

Ponte do Lima. Trigo 900, milho 530, centeio 420, feijão 920, batata 230, azeite (almude) 42800, vinho 22400.

Porto. Trigo da terra, 840 dito serodio 880, dito barbela 800, centeio 560 cevada 420 milho 560 farinha milha 670, feijão vermelho 780, dito fradinho 660, dito rajado 730, dito branco 700, dito amarelo 780, azeite 42800.

Vizeu. Trigo tremez 600, dito galego 580, milho grosso amarelo 440, centeio 360, cevada 300, feijão branco 600 dito amarelo 380, dito vermelho 380, dito rajado 500, chicharo 480, batata 300 azeite 42100, vinho 12100.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

O MENSAGEIRO DAS DAMAS.

JORNAL DE MODAS.

Publicou-se o n.º 433 deste jornal, contendo além de escolhidos artigos, um bello figurino illuminado para homem e senhora com a competente explicação das ultimas modas de Pariz.

Este jornal publica-se regularmente todos os mezes. As assignaturas fazem-se enviando a sua importancia por meio d'uma cautela do seguro do correio, dirigida ao escriptorio da redacção, rua das Pretas n.º 32, 3.º andar, em Lisboa. Preços das assignaturas por um anno com estampilhas 1.560 réis, e por 6 mezes 780.

O DIREITO DA EGREJA

NO PROVIMENTO DOS BENEFICIOS ECCLESIASTICOS

Um folheto contendo os discursos do exm.º snr. Bispo do Porto, e em.º snr. Cardeal Patriarcha na camara dos Pares sobre este assumpto na sessão de 1863. Preço 50 rs

Vende-se na rua Nova n.º 5 L, e rua do Souto n.º 43.

OS JOGADORES.

DRAMA EM QUATRO ACTOS por Manoel Pereira Lobato.

Preço . . . 300 rs.

Vende-se nas lojas de Germano Joaquim Barreto, rua do Souto; de José Rodrigues Pereira, á Galeria; e de Francisco Gonçalves á Porta Nova.

CONVERSAÇÕES FAMILIARES Á CERCA DO PROTESTANTISMO ACTUAL.

Publicou-se o excellente livro de Mgr. de Ségur, intitolado — Conversações familiares acerca do Protestantismo actual, obra que, pela tactica usada em França pela propaganda protestante, põe a descoberto os seus actuaes manejos em Portugal. — Vende-se no Porto, na livraria do sr. Cruz Coutinho, aos Caldeireiros: = em Braga, na do sr. Barreto, rua do Souto. = Leiria na do sr. Curado. Preço 300 réis.

Tambem se acha á venda, na livraria de Germano Joaquim Barreto, uma linda gravura de Sua Santidade Pio 9.º Preço 120 réis

AGRADECIMENTOS.

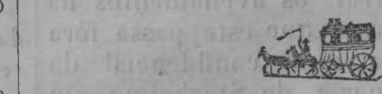
João Maria de Sousa Machado, e D. Anna Amelia do Valle Campos Barreto, em extremo penhorados, agradecem a todos os illm.ºs e exm.ºs snrs. que se dignaram obsequial-os na occasião do fallecimento e enterro de seu recém-nascido filho, na igreja da Misericordia desta cidade, na noite de 14 do corrente mez. (90)

ANUNCIOS

Não tendo havido quem no dia 21 do corrente mez arrendasse os camarotes da 1.ª e 2.ª ordem do theatro de S. Geraldo, que em harmonia com o artigo 24 dos respectivos estatutos tem de ser arrendados, se faz publico que no dia 31 pela uma hora pa tarde se hade proceder de novo ao referido arrendamento. Nesse mesmo dia, e mesma hora se arrendará tambem o café da mesma casa.

Braga 22 de Março de 1864.

Os administradores, Francisco Casimiro da Cruz Teixeira, Manoel Luiz Ferreira Braga, Antonio Vieira d'Araujo Junior. (94)



José Antonio Vinagreiro, com hospedaria, bons commodos e quintal sita no Campo da Vinha junto ao convento do Salvador de Braga, participa aos seus amigos e freguezes que desde o dia 1.º de Abril porá diligencia entre Braga e Arcos, sabendo d'ambos os pontos diariamente ás 6 horas da manhã e 3 da tarde.

Os bilhetes vendem-se nos Arcos, em casa do illm.º snr. Manoel Pereira, e em Braga, no Campo da Vinha, em casa do annunciante; onde se vendem tambem os da carreira do Bom Jesus do Monte, que continúa aos domingos.

Tem carros extraordinarios para todas as terras, tudo por preço commodo. (92)

PINTOR De carruagens.

José Francisco Aspre Junior, da cidade do Porto, e hoje residente nesta cidade de Braga, em casa do Franqueira, campo de Sant'Anna, offerece o seu prestimo para toda a qualidade de pintura o de carruagens, por preços commodos. (91)

Uma snr.ª chegada ha pouco tempo do Porto, deseja ter que fazer como engommadeira, para o que pôde ser procurada na casa n.º 2 — A., rua das Aguas, com frente para o Campo de Sant'Anna.

Tambem se presta a engommar por casas particulares.

Rio de Janeiro.

Vai sahir com muita brevidade a galera Maria (a sahir de 25 até 30 de Março), pelos bons commodos e tractamento que tem para os snrs. passageiros. Tracta-se com os snrs. Manoel Pereira Penna &ª na cidade do Porto, praça de Carlos Alberto n.º 132. (70)

Não me sendo possivel ha mais tempo dar desafogo aos sentimentos de gratidão que nutro para com o illm.º snr. Manoel Joaquim Alves Passos, peço hoje um cantinho no seu acreditado jornal, para agradecer ao mihi habil operador, o prodigioso beneficio que, abaixo de Deus, devo á sua pericia, tractando-me de dous apertos d'uretra, empregando com o melhor resultado, o aperfeçoado uretrotomo de mr. Moiseuueve.

Com esta publicação cumpro dous deveres sagrados: é o primeiro levar a consoladora esperança a todos os infelizes, que como eu out'ora, gemem nas trevas, indicando lhes o habil operador; e o segundo protestar a este meu bom amigo, o meu reconhecimento pela sua bondade, e delicadas maneiras, que me dispensou durante o meu tractamento.

Braga 16 de Março de 1864.

Manoel José da Silva Araujo Cruz.

MEDICAMENTOS DE MR ALBERT.

Vinho de salsaparrilha, util como depurante, na syphilis e nas molestias de pelle.

Pastilhas peitoraes de Regnaud, pastilhas e xarope de nase d'Arabia, uteis na tosse, catarrhos, molestias do peito etc.

Ferro reduzido, e confeitos do mesmo, uteis na falta de menstruação, digestão difficil, etc.

Confeitos de digitalina, uteis nas molestias do coração.

Deposito no Porto, na pharmacia Albano; em Braga, na dos snrs. Pipa & Irmão. (20)

MEDICAMENTOS DE MR. LAFFECTEUR.

Arrobe antisyphilitico, util nas molestias syphiliticas e da pelle.

Pilulas d'ioduro de ferro, uteis na irregularidade da menstruação, escrofulas etc.

Perolas d'ether, uteis nas dores de cabeça, do estomago, dores nervosas etc.

Capsulas de Raquin e Injecção Cadet, uteis nas biennorrhreas, flores brancas etc.

Deposito no Porto, na pharmacia Albano; em Braga, na dos srs. Pipa & Irmão. (15)

DEPOSITO DE SABÃO

No deposito de saboarias da fabrica do Freixo, rua do Souto n.º 15, vende-se sabão imperial a 163 reis o kilogramma, ou 75 reis o arratel, e amarello de 3.ª a 120 reis o kilogramma, ou 53 o arratel, por caixa de 20 kilogrammas. (93)